

24-08-2023

## O futebol e minhas vergonhas (III)

## O Soco no Pedro

Rossel Lyra Desmond

[Antropóloga. Indigenista]

As pessoas que não ‘dão bola’ ao futebol não se interessarão por este texto. A essas saúdo, pois estou (quase) me tornando uma delas. Falta pouco. Embora eu saiba que jamais deixarei de amá-lo. Mas por amá-lo deixo ‘a mala pronta’ para partir, caso a situação ‘degringole’ com a invasão dos gringos no campeonato brasileiro das várias divisões. É bom lembrar que não sou xenófoba - sou antropóloga. E conheço muito bem as invasões do norte colonizador em nossas terras. O meu interesse por futebol, que remonta à minha infância, conforme já me expressei aqui em dois textos anteriores é de duas ordens. Uma, a de um afeto saudoso mas crítico ao Bangu, um time fora do circuito nacional, mas bem conhecido para quem acompanha o futebol. Especialmente pela ligação de seu histórico “dono”, notório mafioso tupiniquim, mas bem eficiente - Castor de Andrade. Outra, a de meu ‘campo’ de estudos antropológicos. Para os que são apaixonados e militantes do futebol, o título deste texto deveria ser **A DEUS O FUTEBOL** ou **ADEUS AO FUTEBOL**. O futebol está entregue a Deus. Literalmente. São milhões de brasileiros que o acompanham nos noticiários e nas mídias sociais, assistem a inúmeros jogos e passam a maior parte de seu tempo vendo os programas esportivos que jorram na TV aberta e fechada. É o público que eu chamo de futebol-maniaco-dependente. Dentre esse público temos os dependentes pacíficos, os dependentes militantes (a torcida fidelizada), os dependentes milicianos (a torcida infiltrada pela bandidagem), os dependentes apaixonados (onde me incluo) e os dependentes idiotas (a maioria). Falar sobre a característica antropológica de cada uma dessas etnias não é o mote deste momento. Quem sabe algum dia. O futebol brasileiro, nos últimos quatro anos, para ser mais precisa, acompanhou o derretimento da democracia no Brasil. Políticas sociais e direitos humanos nunca foram muito a praia futebolística brasileira, mesmo depois que “essas coisas” passaram a ser mais frequentadoras da mídia e dos movimentos sociais. Vá lá que vejamos uma faixa contra o racismo antes de algum jogo; um ou outro time com o arco-íris estampado na camisa por algum jogador; um minuto de silêncio por algum ou alguma torcedora assassinada, como a Gabriela Anelli, torcedora do Palmeiras, em julho deste ano; alguma fala perdida de alguma voz da mídia em algum jornal de algum lugar por aí sobre alguma falcatura de alguma outra máfia do futebol, entre as demais. Não é preciso recorrer à memória para se certificar de que o futebol passou a ser uma escola de atentados aos direitos humanos. Todos os dias os noticiários “esportivos” se transformam em páginas policiais. Desde a de jogadores e técnicos acusados de estupro; envolvidos em tenebrosas transações de falsos lucros; falsificações; estelionatos; ostentações de riqueza para agradar (seus fãs e bajuladores) ou para humilhar os miseráveis que, às vezes, deixam de pagar pensão alimentícia para ir ver seus “ídolos”.

Não preciso estender os problemas de jogadores (pedofilia, assédio sexual, estelionato, embriaguez no trânsito, atividades em cassinos clandestinos, sonegação fiscal, associação com o tráfico e até assassinatos). Bem, dirão, este é o retrato da sociedade brasileira: fakenews - goleiros se jogando no chão em pré-coma quando o time está ganhando (aliás, quando o goleiro faz cera, o juizinho sapeca vai lá e sapeca (sem trocadilho) um cartão amarelo. E o goleiro continua com a cera). Pergunto: alguém já viu goleiro cerento levar dois cartões amarelos e ser expulso? Recente levantamento mostra que os goleiros caem em pré-coma ou simulação de fratura exposta quando os times estão ganhando ou empatando (quando o empate favorece) em 90% dos casos. Jogadores simulando traumatismos cranioencefálicos com um esbarrão do adversário; outros levam um pisão e saem rolando em piruetas horizontais como se caíssem da maca durante uma cirurgia de transplante de pâncreas – melhor seria se fossem ginastas olímpicos; alguns jogadores ao fingirem que levaram um tapa no rosto se jogam no chão e tapam os olhos como se estivessem tendo seus olhos extirpados das órbitas. Lembram cenas da Inquisição com Torquemada ou do Doi-Codi com Brilhante Ustra (ídolo do Bozo).

O desrespeito completo ao poder judiciário das partidas (o juiz e os auxiliares) são similares às falas bolsonaristas que chamam juizes do Supremo Tribunal Federal de canalhas e fica por isso mesmo.

A liberdade de expressão do neo-nazismo chegou ao futebol. Afrontas às decisões (mesmo num simples lateral), agressões verbais (principalmente aos bandeirinhas) e até agressões – principalmente se for mulher – como foi o caso da cabeçada que a juíza Debora Cecília levou recentemente no campeonato pernambucano. E, ao final, a quase unânime glória a Deus quando o entrevistado ganhou o jogo.

O imbecilizado vencedor só falta falar “Deus, família, propriedade e pátria amada”. Às vezes é específico o tributo a Jesus, num país laico. Nunca vi algum jogador de futebol agradecer a seus orixás ... provavelmente sairia do estádio morto. Sim, morto, porque a violência contra as religiões afro é evidente. E as torcidas organizadas, muitas violentas, seguindo a estatística vigente é “cristã”. Nem vou lembrar o “pão e circo” da Roma Antiga, porque já não temos pão. Acabamos de passar dos 30 milhões que passam fome no país de jogadores de futebol que ganham milhões de reais por mês: Luis Suarez (Grêmio) 2,2 mi; Dudu (Palmeiras) 2,1 mi; Gabigol (Flamengo) 1,6 mi; David Luiz (Flamengo) 1,5 mi ([confira](#)) e o escárnio segue nessa linha até chegar a Pedro (Flamengo) [1 milhão por mês](#). E, por falar em Pedro, ninguém sabe se ele aceitou tapas e socos do preparador físico do seu time por achar que ganha pouco ou por achar que ganha muito. Esse é um grande mistério. É tão misterioso que Gerson seu colega de time com o mesmo salário de Pedro quebrou o nariz de seu também colega Varela, que ganha só 700 mil reais por mês. Gerson deve ter uma certa razão por se vangloriar de alguém que puxa a média salarial do Flamengo para baixo. É muito triste amar uma coisa que nos soca e esbofeteia todos os dias, só porque esse modelo de sociedade permite. ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*